Foi, indubitavelmente, a primeira grande proeza individual do desporto português. Em Chepstow, no País de Gales, Carlos Lopes sagrou-se campeão do Mundo de corta-mato. Um triunfo esmagador, dominando de forma insofismável o arrogante inglês Tony Simmons, de um atleta que era... empregado bancário a 7105 escudos por mês, que envergava a camisola do Sporting desde 1967, trabalhado com paciência de chinês e pertinácia por Moniz Pereira, que, assim, recolheu os primeiros louros de uma aposta num trabalho de qualidade em que hipotecara a sua própria... cabeça. Valeu a pena. E muito mais valeria...

Como o grande favorito ficou a conhecer o português Lopes

Que Lopes já era um fora-de-série, apesar de ano e meio antes ainda ter de se levantar de madrugada para se treinar antes do emprego no banco, toda a gente sabia menos George Best, treinador da equipa inglesa, e o seu atleta, Tony Simmons. À chegada à meta, atrasado cem metros em relação ao nosso compatriota, perguntou quem era o fulano que ganhara a corrida. Disseram-lhe que tinha sido o português, Lopes.

Desdenhosamente, retorquiu: «*Não o conheço.*» Má memória tinha a britânica criatura, porque Lopes já o vencera em San Sebastian, não muito tempo antes.

Incapaz de cair em deslumbramento, o campeão confessou que os «*outros*» o tinham deixado fugir, convencidos de que ele não aguentaria o ritmo, «
mas as forças redobram quando se vai à frente
».

Curiosa foi a explicação do triunfo de Carlos Lopes, em masculinos, e da espanhola, Carmen Valero, em femininos, num jornal de Gales: « *Vitória Ibérica, fim das ditaduras.* » Este era o título. Um pedaço da prosa: «
...Na verdade, foi um grande choque: um atleta português conquistou o título masculino, logo a seguir a uma rapariga espanhola ter ganho a corrida feminina. Será, porventura, que esta dupla vitória ibérica terá alguma coisa a ver com a libertação da Península Ibérica da opressão dos ditadores?
» O comentário, que diz que Carlos Lopes e Carmen Valero haviam flutuado sobre o piso revolvido pelos cavalos (as provas tiveram lugar num hipódromo lamacento), era assinado por Cristopher Brasher, crítico de muito boa reputação no mundo do atletismo.

E, à chegada a Lisboa, Fernando Mamede disparou: « *As outras federações, em vez de andarem a fazer barulho, com razão ou sem ela, que se dediquem a um trabalho proveitoso, como a FPA tem feito.* » E desvendou, sentimental: « *Quando me apercebi de que Lopes ia ganhar apeteceu-me deixar a minha prova e correr para ele, para o abraçar. Afinal, fora a maior vitória do desporto português.*
»

In Jornal "A Bola"